

ESP - 26.3.1968

## LINGÜÍSTICA

Maurice Leroy - LES GRANDS COURANTS DE LA LINGUISTIQUE MODERNE, 4ème. éd. Bruxelles, Travaux de la Faculté de Philosophie et Lettres de l'Université Libre de Bruxelles, 1964, 198 pp.

Já se vai tornando lugar-comum repetir que a Lingüística atual atravessa uma fase de profundas inquietações teóricas e metodológicas; não admira que uma série de publicações destinadas a prestar contas do estado atual da ciência se faça presente. Lembrem-se, no Brasil, as "Orientações da Lingüística Moderna" de Sílvio Elia, e, no exterior, entre outros, os livros de Pierre Guiraud, além dos inenunciáveis artigos de ~~de~~ que vêm sendo editados.

O livro de Maurice Leroy situa-se nessa perspectiva, pois, como se lê no prefácio, ele se esforçou por "sublinhar os grandes momentos da história de nessa disciplina, destacando de conjunto da pesquisa as idéias mestras que fecundaram a discussão e marcaram de um modo novo e pensamento de nesse tempo" (p. VII).

A economia interna do volume destaca de pronto o papel renovador desempenhado por F. de Saussure, colocado entre as duas principais épocas que a ciência conheceu: o séc. XIX (primeira parte: a formação do método lingüístico) e o atual (terceira parte: a Lingüística no séc. XX). Acentua-se desta forma o embate entre duas grandes tendências, a pré e a pós-saussuriana, ou, como querem muitos, o Historicismo e o Estruturalismo.

Principia o volume por uma introdução intitulada "Da Antiguidade ao séc. XIX", na qual se resenham brevemente as idéias lingüísticas de indus, gregos e latinos, seguindo-se o pensamento medieval e o renascentista, período em que se ampliaram extraordinariamente os interesses pelas línguas extra-europeias em virtude das navegações. Até aqui as conclusões a que chegavam os gramáticos eram fundadas em pontos de vista apriorísticos, racionalistas, pois só no séc. XIX conseguirá a Lingüística edificar um método realmente científico.

Deve-se à gramática comparada a elevação da Lingüística à categoria de ciência: vejam-se os notáveis estudos de Bopp, Rask, Grimm e outros. Mas deve-se-lhe também a citação de dois mitos somente agora desfeitos: o de que o indoeuropeu representava o estado

primeiro da linguagem - a língua da idade de ouro -, e o de que a língua é como um organismo natural, dotada de existência própria independentemente do indivíduo (pp. 22-23). Veio depois uma nova geração de historicistas, a dos neogramáticos, que trouxeram maior rigor às explicações fonéticas; entre eles, F. de Saussure com seu primeiro trabalho, a "Memória sobre o sistema primitivo das vogais nas línguas indo-europeias" (1878). Recorde-se que pertenceu também a este século outro linguista cujos trabalhos teriam fundas repercussões no séc. XX: W. von Humboldt com suas teorias sobre a língua como criação contínua porque manifestação de espírito humano. Tão larga foi a cópia de materiais recolhidos pela gramática histórica que em 1900 A. Meillet julgava acertado afirmar ter-se atingido um ponto não mais ultrapassável; todavia, novos estudos sobre fonética estavam levando a uma profunda alteração metodológica, pois substituíam a visão do detalhe a que o historicismo nos habituara pela compreensão da língua em seu todo.

Entre um método e outro situa-se o tão debatido Saussure, a quem se consagra todo um capítulo. Saussure em seu "Curso de Linguística Geral" deixou de lado o aparato erudito costumeiro buscando, a partir de um conjunto de dados não mencionados, atingir os princípios gerais que regem o comportamento linguístico. Como boa parte dos linguistas que vieram após Saussure entregaram-se a pesquisas para aprovar, modificar ou rejeitar seus princípios, passa o A. a analisá-los, dando um balanço à questão saussuriana. São assim examinadas as questões seguintes: o arbitrário do signo, a linearidade do significante, as oposições "langue/parele" e diacronia/sincronia, e objeto da linguística.

Na terceira parte são estudadas as tendências pós-saussurianas; adota-se infelizmente um critério cronológico quando teria sido mais oportuno agrupar aquelas tendências no que têm de comum. É fácil perceber as relações existentes entre os subtítulos destes capítulos: a Escola de Genebra, a Fenologia, o Estruturalismo (o neolegicismo de Brøndal, a glossemática de Hjelmslev, a psicossistemática de Guillaume e a gletecronologia de Swadesh), a Linguística Psicológica, a Escola Sociológica, as posições individualistas (conducentes ao Idealismo Linguístico e à Neolingüística italiana), a dialeteologia indo-europeia (Sturtevant, Kurylowicz e Benveniste), a Escola Americana e a Soviética, a tipologia linguística, a estilística e a semântica.

Uma linha de pensamento atravessa marcadamente a massa de informações aqui recolhida: o equilíbrio, a clareza e o espírito crítico de Leroy. Aberto às novas correntes quando sólidamente estabe-

ledidas nos fatos, nem por isso deixa o A. de fazer restrições ao  
tem extremamente abstrato da terminologia empregada por alguns dos  
nevos lingüistas, sublinhando o perigo que ~~essas~~ teorias oferecem,  
pois "cerrem o risco de favorecer certo verbalismo que poderia las-  
timavelmente substituir-se aos conhecimentos adquiridos pelo contac-  
to direto com as realidades" (p. 96). Não se dissimula aqui a re-  
provação daqueles que têm conduzido os estudos lingüísticos a ní-  
veis de abstração nunca senhados, matematizando os dados e como que  
develvendo a Lingüística aos quadros das ciências exatas de onde pa-  
recia definitivamente afastada (p. 98). Felizmente já se faz sentir  
um esforço de aproximação da lingüística tradicional, mais atenta  
aos fatos, ao estruturalismo, mais preocupado com as leis gerais,  
atribuindo-o Leroy especialmente a A. Martinet. Ao que acrescenta-  
mos, finalizando, que é bem não esquecer o muito que têm feito nes-  
te sentido Walther von Wartburg e K. Baldinger.

[ATC]

*Ataliba T. de Castilho*  
Ataliba T. de Castilho